

BORGES, J. L. *Nova Antologia Pessoal*. Tradução de Davi Arrigucci Jr., Heloisa Jahn e Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Área de interesse: crítica literária

Possivelmente em busca de uma entrada para minha abordagem do *Atlas do Corpo e da Imaginação*, recorri a um velho conhecido que, a cada leitura, revela um mundo novo: Jorge Luis Borges. Recordo uma aula da Simone Rufinoni (creio que LB I, já que tratava da Semana de 22) em que ela dizia que para adentrar o universo de um poeta é preciso observar suas obsessões. No livro de Borges que ora leio, sua *Nova Antologia Pessoal*, de 1968, as obsessões do autor são arroladas por ele próprio: o espelho, o labirinto, a memória... Esses *topoi* são trabalhados em poemas, prosas, relatos (a dissociação entre prosa e relato é feita por Borges e, formalmente, parece considerar como preponderante a extensão dos textos) e ensaios. É nestes últimos que pretendo observar reiteraões e, despretensiosamente, fazer ligações com Gonçalo M. Tavares. De partida, é evidente que a ambos os autores a erudição interessa menos enquanto recensão de conhecimentos ou mera prática diletante que operador labiríntico para recombinações infindas, num processo literário personalíssimo de (re)criação.

O primeiro ensaio destacado na antologia é "A esfera de Pascal" (p. 193-197). Escrito em 1951, traz como inaugural a seguinte sentença: "A história universal é, talvez, a história de umas quantas metáforas". A fim de comprovar a validade do advérbio, o argentino recolhe com erudição, desde os gregos até Pascal, variantes de "Deus é uma esfera inteligível cujo centro está em toda parte e a circunferência em nenhuma". Ao levantar as aparições dessa ideia ao longo de mais de vinte séculos, o próprio Borges se insere nessa tradição com seu ensaio, sendo capaz de alterar o modo como elas serão lidas daí em diante. Assim, termina seu texto curto e infinito com a seguinte sentença, que reitera e, pelo próprio processo, transforma a primeira: "A história universal é, talvez, a história da diferente entonação de algumas metáforas".

O segundo ensaio traz em seu título um dos autores diletos de Borges, S. T. Coleridge. Em "A flor de Coleridge" (p. 198-202), o argentino parte do famoso texto do autor inglês – entoada por Jean-Luc Godard no episódio final de *Histoire(s) du cinéma* – e, a partir dessa citação, chega a romances de H. G. Wells e Henry James. A partir de sua concepção de literatura como “o coroamento de uma infinita série de causas e o manancial de uma infinita

série de efeitos”, ele passa por Valéry, Emerson e Shelley para recordar a noção que, grosso modo, toda literatura é produzida por um só Espírito. Desse modo, o texto de Coleridge ecoa em produções posteriores, como é o caso dos referidos Wells e James. E o fato deste não terem lido o primeiro não é empecilho já que, segundo essa concepção de arte impessoal que supera “os limites dos sujeitos”, todos esses textos derivam de um mesmo autor. A flor de Coleridge seria a prova do que permanecesse de modo inexplicável aos homens: “Se um homem atravessasse o Paraíso num sonho, e lhe dessem uma flor como prova de que lá estivera, se ao despertar encontrasse essa flor em sua mão... o que dizer então?”.

Seguindo a sequência proposta pelo autor, chego ao terceiro e último ensaio em que me deterei. “O sonho de Coleridge” (p. 203-208) é não só mais uma referência ao autor inglês, senão também a outro dos temas borgeanos: o sonho. Apresentando obras que de algum modo se revelaram em sonho àqueles que as escreveram, Borges se detém no fragmento “Kubla Khan”, sonhado por S. T. Coleridge no verão de 1797. A transcrição faz referência ao projeto de construção de um palácio pelo imperador que dá nome ao poema e que, por sua vez, havia sonhado com o projeto do palácio cinco séculos antes. Se do palácio não restavam mais do que ruínas e do poema não mais que um fragmento – já que, segundo o autor inglês, ele havia sonhado precisamente o poema todo mas, após uma interrupção, não foi mais capaz de recuperar o que havia sonhado, restando o que já havia sido escrito até ali –, Borges imagina que esse encadeamento se compõe de sonhos de um imortal que, numa diferença temporal e geográfica incompreensível a nós, acometem sujeitos diferentes. Talvez, imagina o autor, essa sequência de sonhos seja o surgimento de um arquétipo.

Esse breve compêndio permite vislumbrar temas que permeiam a obra borgeana, elencados pelo próprio na *Nova Antologia Pessoal*. Não só na obra ensaística, cuja amostra aqui destacada cobre três peças, mas também em sua produção em poesia e ficção, a que um de seus maiores estudiosos, Ricardo Piglia, cunhou o termo *ficção especulativa*. Sua produção teórica também especula, revelando não só os méritos de sua erudição, mas talvez ainda maiores: os méritos de sua capacidade imaginativa. Essa recursividade da literatura, levando com leveza com o peso da tradição, parece-me um ponto de contato bastante brilhante entre Borges e Tavares: ambos lidam com a enciclopédia como se estivessem lidando com um espelho. Recordo a imagem que estampa a capa da primeira edição do *Atlas do Corpo e da Imaginação*: alguém sustenta um círculo, que remete a um globo, com as próprias mãos, mas esse objeto é tamanho que encobre sua expressão.

Madalena Vez Pinto, ao comentar os pactos de leitura pouco ortodoxos propostos pelos textos de Tavares, afirma no resumo de seu artigo que “Decorre este fato de se tratar de textos construídos por formas discursivas variadas, com opção recorrente pelo fragmento e uso da citação, nos quais a autoria se manifesta de forma polifônica e não totalizadora” (PINTO, 2017). A teórica parte de *Breves notas sobre as ligações*, de 2009, livro em que o português desdobra em fragmentos autorais citações de Maria Gabriela Llansol, Maria Filomena Molder e María Zambrano. Seja ao partir da recorrência da citação de uma ideia ao longo dos séculos, ou a partir de textos escritos por um único espírito ou mesmo de sonhos que se revelam ao longo dos séculos, como nos casos da trinca de ensaios borgeanos aqui citadas, parece sempre atravessar a ideia de superação dos sujeitos, que são mais amanuenses que enunciam uma outra voz que dotados de forte caráter autoral. Esse uso da citação e fragmentos por parte de Borges também me parece de algum modo se aproximar do que Pinto, no referido artigo em que discute a dimensão autoral, identificou na escrita tavariana que “a autoria se manifesta de forma polifônica e não totalizadora”.

Creio ser precisamente essa falta de ambição totalizadora que permite aos autores uma disponibilidade que possibilita seus textos de ultrapassarem a mera dimensão de um sujeito, desdobrando a literatura na própria literatura – foi isso que busquei expressar na metáfora da enciclopédia como espelho. É o desejo e disposição para dialogar com a tradição que faz com que inaugurem outras tradições possíveis.

PINTO, M. V. (2017). Citação e autoria em <i>Breves notas sobre as ligações</i> [Llansol, Molder e Zambrano], de Gonçalo M. Tavares. *Abril – NEPA / UFF*, 9(19), 47-54. <https://doi.org/10.22409/abriluff.v9i19.29935>.